



Revista
Decifrar

vol. 4, nº 8

**MEMÓRIA, AMOR E MORTE
EM *INVENTÁRIO*, DE MYRIAM COELI**

Conceição Flores¹ (UnP)
Ilane Ferreira² (IFRN)

RESUMO: Este artigo tem como *corpus Inventário* (1982), livro da poetisa norte-rio-grandense Myriam Coeli, lançado no ano da sua morte. O livro reúne poemas escritos na fase final de um longo e doloroso processo de luta contra o câncer e aborda temas como a memória, o amor e a morte. A análise dos poemas parte do estudo de Éclea Bosi (1987) sobre memória, e dos conceitos formulados por Bergson (1999) e Halbwachs (1990). Recorre-se ainda a Michael Pollack (1999), visto esse considerar que a memória é constituída, em primeiro lugar, pelos momentos vividos individualmente, depois, pelos vividos pelo grupo, pela coletividade à qual a pessoa pertence. A poesia de *Inventário* mostra como a iminência da morte ativa as memórias da autora que assim deixa um testamento em que o biográfico é ultrapassado pela dimensão humana e universal da poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Myriam Coeli; Poesia; Memória; Amor; Morte.

ABSTRACT: The focus of this work is *Inventário* (1982), a poetry book by Myriam Coeli, published in the year that she died. The book reunites poems written at the end of a long and painful period when she fought against a cancer and brings themes such as memories, love and death. To analyze de poems we part from Ecléa Bosi's (1987) studies about memory and from the concepts formulated by Bergson (1999) and Halbwachs (1990). We also approach the ideas of Michael Pollack (1999), when he considers that the memory is built, primarily, by the individual moments that each one lived, then, by the moments lived for the group, the collective in which the person takes part. The poetry in *Inventário* shows us how the proximity from death activates the human memories, in this case, to fulfill a testament in which the biography is surpassed by the human and universal dimension of poetry

KEYWORDS: Myriam Coeli; Poetry; Memory; Love; Death.

¹ Doutora em Educação, professora de literatura portuguesa e de literaturas africanas em língua portuguesa, é tutora do PET Literatura no Rio Grande do Norte da Universidade Potiguar (UnP).

² Doutora em Educação, professora de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional do IFRN.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Jamais se escreverá corretamente a História da Literatura Brasileira enquanto não se fizer o exato balanço das nossas literaturas regionais. Muita coisa, da maior importância cultural, morre na província não conseguindo ultrapassar os limites que injustamente a separam dos grandes centros. (WANDERLEY, 1965, p. 5).

As palavras de Rômulo Wanderley escolhidas para a abertura deste texto dizem do nosso compromisso com a reescrita da(s) História(s) da Literatura Brasileira. Acreditamos que a literatura norte-rio-grandense, tal como as outras produzidas fora dos grandes centros culturais, precisa ser estudada e ultrapassar as fronteiras do Estado, colocando-se, assim, numa perspectiva teórica de uma *nova história* literária, que rasura as margens do cânone e divulga a literatura regional, sobretudo a escrita por mulheres. Por esses motivos, a nossa escolha recaiu sobre a obra da poetisa norte-rio-grandense Myriam Coeli que, em *Inventário*, seu último livro publicado em vida, escrito na fase final de um longo e doloroso processo de luta com o câncer, aborda temas como a memória, o amor e a morte.

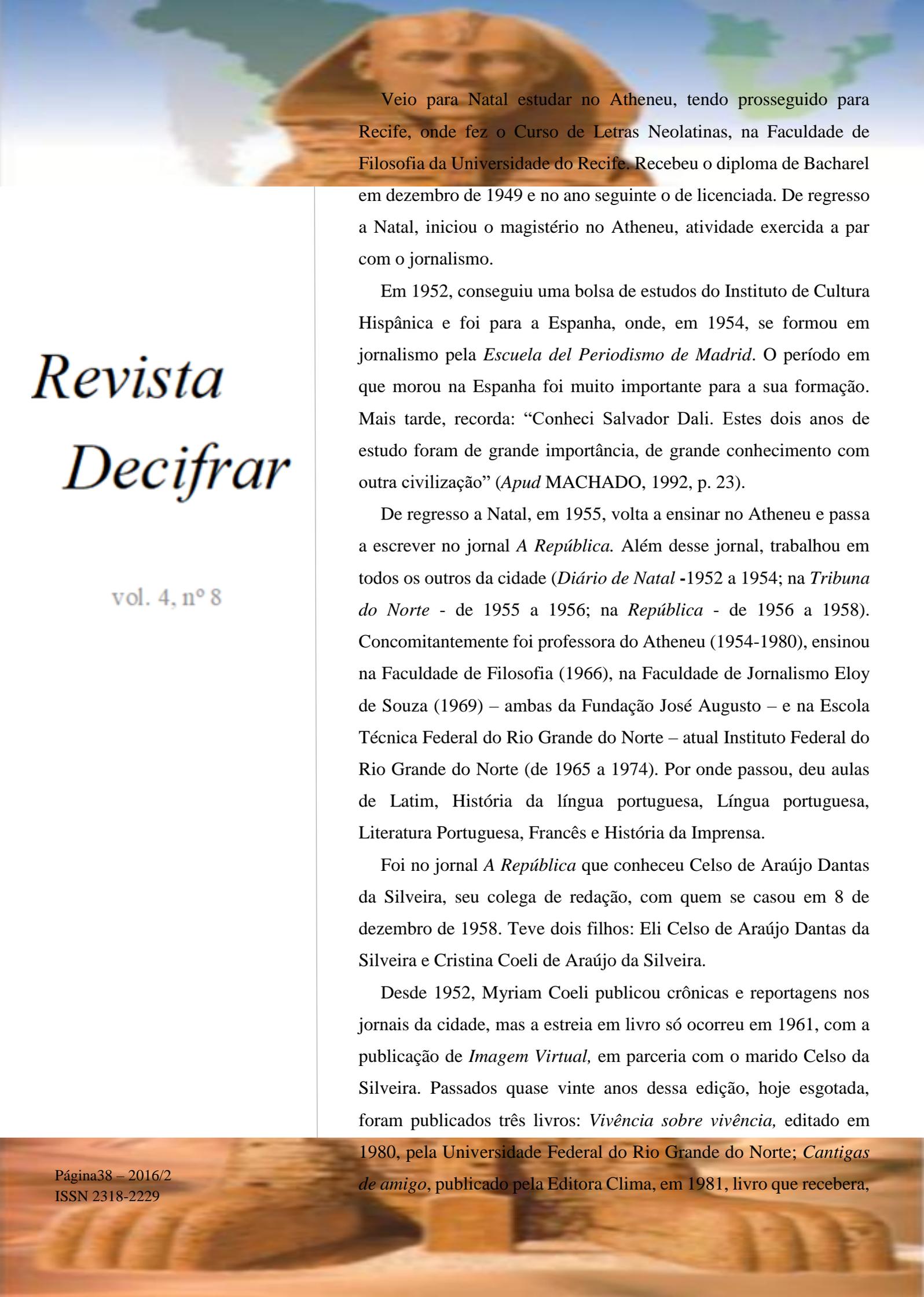
Traçamos, inicialmente, um panorama bibliográfico da escritora, para em seguida nos determos no suporte teórico que ampara este trabalho. Em seguida, passamos à análise dos poemas e, por fim, deixamos algumas considerações sobre o papel da memória na construção da poesia de Myriam Coeli.

2. A POETISA – VIDA E OBRA

Myriam Coeli, poetisa amazonense de nascimento, nascida em Manaus no dia 19 de novembro de 1926, mas norte-rio-grandense de coração, chegou com dois meses de idade ao Rio Grande do Norte. Criou-se em São José de Mipibu, nos braços da “mãe Carminha”, tia paterna, que a criou. A morte prematura do pai levou a mãe, sem posses para criar os três filhos, a entregá-los à custódia das cunhadas Maria do Carmo Araújo, Maria das Candeias e Ana Carolina, tias queridas invocadas em *Inventário*, livro publicado em 1982.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Veio para Natal estudar no Atheneu, tendo prosseguido para Recife, onde fez o Curso de Letras Neolatinas, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife. Recebeu o diploma de Bacharel em dezembro de 1949 e no ano seguinte o de licenciada. De regresso a Natal, iniciou o magistério no Atheneu, atividade exercida a par com o jornalismo.

Em 1952, conseguiu uma bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica e foi para a Espanha, onde, em 1954, se formou em jornalismo pela *Escuela del Periodismo de Madrid*. O período em que morou na Espanha foi muito importante para a sua formação. Mais tarde, recorda: “Conheci Salvador Dali. Estes dois anos de estudo foram de grande importância, de grande conhecimento com outra civilização” (*Apud MACHADO, 1992, p. 23*).

De regresso a Natal, em 1955, volta a ensinar no Atheneu e passa a escrever no jornal *A República*. Além desse jornal, trabalhou em todos os outros da cidade (*Diário de Natal* -1952 a 1954; na *Tribuna do Norte* - de 1955 a 1956; na *República* - de 1956 a 1958). Concomitantemente foi professora do Atheneu (1954-1980), ensinou na Faculdade de Filosofia (1966), na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza (1969) – ambas da Fundação José Augusto – e na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte – atual Instituto Federal do Rio Grande do Norte (de 1965 a 1974). Por onde passou, deu aulas de Latim, História da língua portuguesa, Língua portuguesa, Literatura Portuguesa, Francês e História da Imprensa.

Foi no jornal *A República* que conheceu Celso de Araújo Dantas da Silveira, seu colega de redação, com quem se casou em 8 de dezembro de 1958. Teve dois filhos: Eli Celso de Araújo Dantas da Silveira e Cristina Coeli de Araújo da Silveira.

Desde 1952, Myriam Coeli publicou crônicas e reportagens nos jornais da cidade, mas a estreia em livro só ocorreu em 1961, com a publicação de *Imagem Virtual*, em parceria com o marido Celso da Silveira. Passados quase vinte anos dessa edição, hoje esgotada, foram publicados três livros: *Vivência sobre vivência*, editado em 1980, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; *Cantigas de amigo*, publicado pela Editora Clima, em 1981, livro que recebera,

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

em 1980, o Prêmio Othoniel Menezes da Secretaria Municipal de Educação; *Inventário*, editado pela Achiamé/Fundação José Augusto (FJA), em 1981, também premiado no Concurso de Poesia da FJA. Nessa época, Myriam Coeli já estava doente, lutando contra um câncer de mama que a vitimou em 21 de fevereiro de 1982.

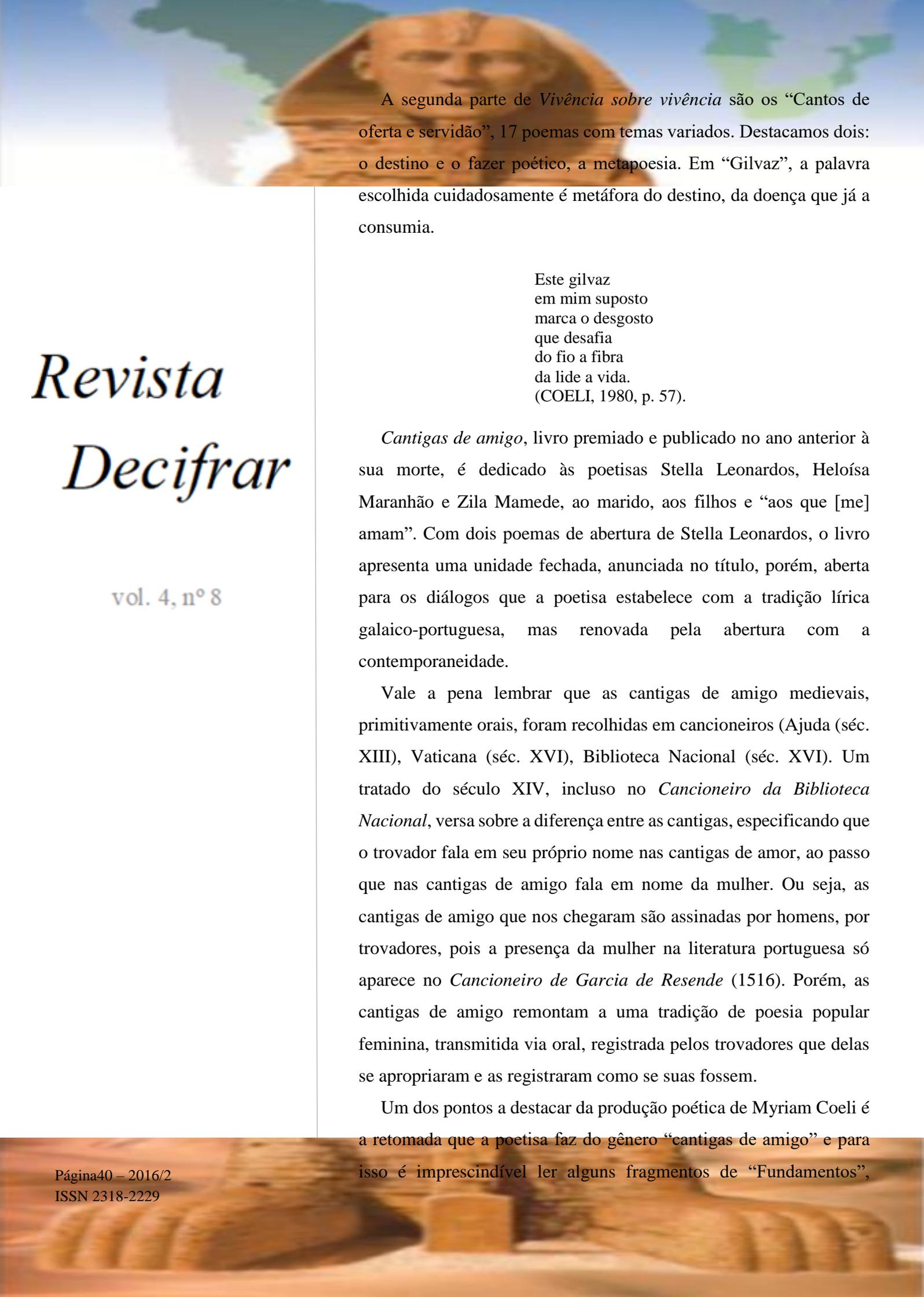
O primeiro livro que assina sozinha, *Vivência sobre vivência* (1980), é dedicado ao marido, filhos e amigos “que a conVivência tornou irmãos”, e tem-se a impressão de que é livro de despedida, tecido por uma Penélope que tece e destece a trama do destino. Organizado em duas partes, a que Luís Carlos Guimarães chama de “tempos de poesia” (1980, p. 12): a primeira, “Livro das odes” reúne 11 odes, 11 cantos em que não só ressalta o pulsar cósmico, mas também a força da palavra. Na “Ode à palavra”, a poetisa fala sobre a matéria prima da poesia, sobre o manejo artesanal que a palavra aguarda para ser transformada em “invenção”, em “formas libertas”, para que o verbo se transmute em poesia.

A palavra trabalha com hábeis mãos.
Dela me sirvo à mesa
com esses poucos gestos que saciam meus segredos.
Por menos que me baste, a ela servindo estou
E lhe ofereço o disfarce da ordem e da compreensão.
Através dela me armo e soletro caminhos incertos
Com seus ardis tão certos.
Mas, animal, dela sou presa
E me resumo na proeza
De lhe dar formas libertas
- pois meu ofício é dar à palavra, invenção.
(COELI, 1980, p. 31).

Mas a palavra é “animal”, metáfora da sua força avassaladora, por isso não se entrega fácil. A poetisa afirma que:

Ela inquieta e perturba o equilíbrio de minhas intimidades
o chão e o âmago, o sonho e a agonia,
a vida que explode, a morte que desafia.
(COELI, 1980, p. 32).

A palavra também é salvação, bem-aventurança, “Sermão da Montanha”, posto ser “ato de lirismo” através do qual o poeta faz “humilde doação/ e o mundo faz sentido e aceitação”. (COELI, 1980, p. 32).



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

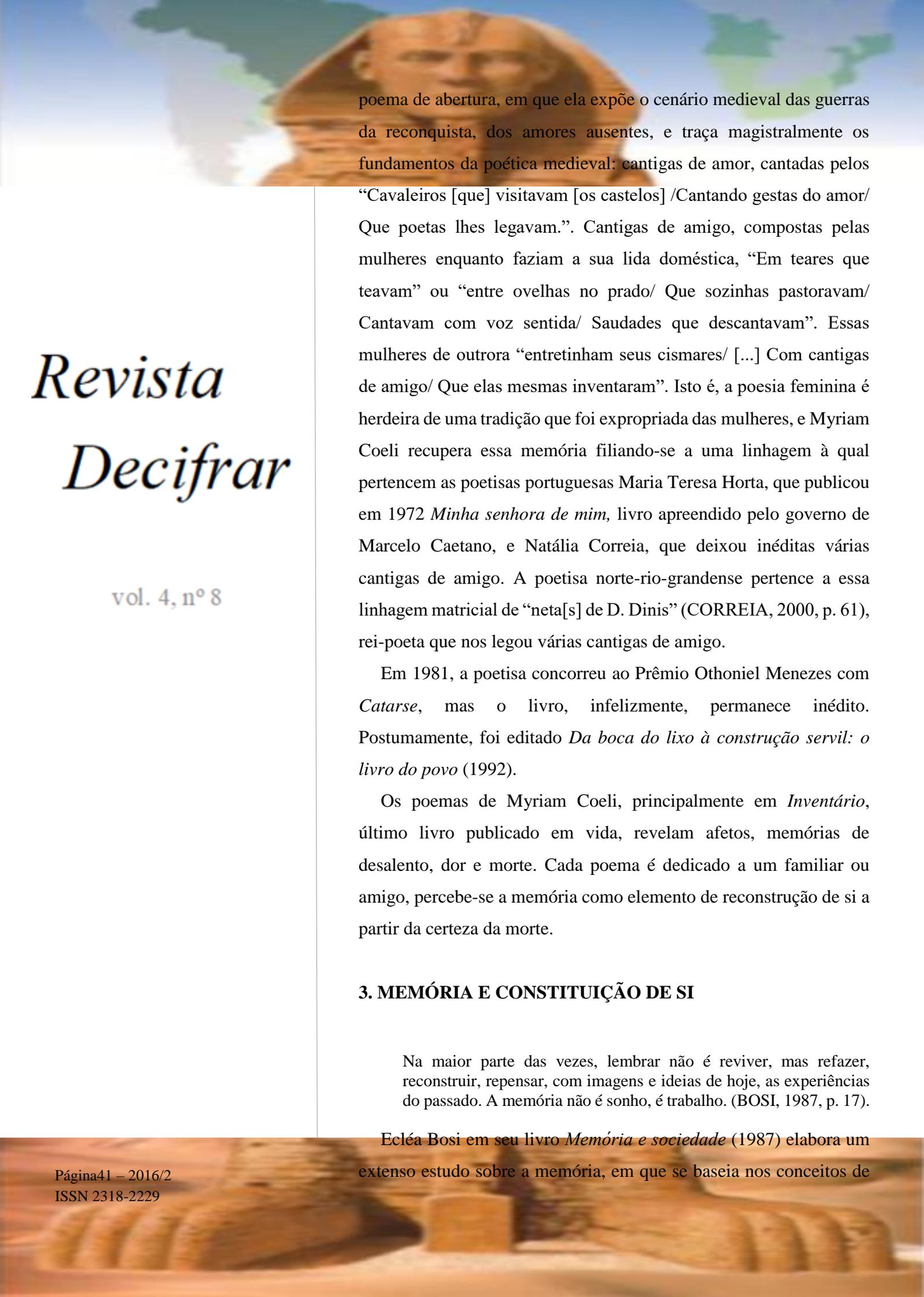
A segunda parte de *Vivência sobre vivência* são os “Cantos de oferta e servidão”, 17 poemas com temas variados. Destacamos dois: o destino e o fazer poético, a metapoesia. Em “Gilvaz”, a palavra escolhida cuidadosamente é metáfora do destino, da doença que já a consumia.

Este gilvaz
em mim suposto
marca o desgosto
que desafia
do fio a fibra
da lide a vida.
(COELI, 1980, p. 57).

Cantigas de amigo, livro premiado e publicado no ano anterior à sua morte, é dedicado às poetisas Stella Leonardos, Heloísa Maranhão e Zila Mamede, ao marido, aos filhos e “aos que [me] amam”. Com dois poemas de abertura de Stella Leonardos, o livro apresenta uma unidade fechada, anunciada no título, porém, aberta para os diálogos que a poetisa estabelece com a tradição lírica galaico-portuguesa, mas renovada pela abertura com a contemporaneidade.

Vale a pena lembrar que as cantigas de amigo medievais, primitivamente orais, foram recolhidas em cancioneiros (Ajuda (séc. XIII), Vaticana (séc. XVI), Biblioteca Nacional (séc. XVI). Um tratado do século XIV, incluso no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, versa sobre a diferença entre as cantigas, especificando que o trovador fala em seu próprio nome nas cantigas de amor, ao passo que nas cantigas de amigo fala em nome da mulher. Ou seja, as cantigas de amigo que nos chegaram são assinadas por homens, por trovadores, pois a presença da mulher na literatura portuguesa só aparece no *Cancioneiro de Garcia de Resende* (1516). Porém, as cantigas de amigo remontam a uma tradição de poesia popular feminina, transmitida via oral, registrada pelos trovadores que delas se apropriaram e as registraram como se suas fossem.

Um dos pontos a destacar da produção poética de Myriam Coeli é a retomada que a poetisa faz do gênero “cantigas de amigo” e para isso é imprescindível ler alguns fragmentos de “Fundamentos”,



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

poema de abertura, em que ela expõe o cenário medieval das guerras da reconquista, dos amores ausentes, e traça magistralmente os fundamentos da poética medieval: cantigas de amor, cantadas pelos “Cavaleiros [que] visitavam [os castelos] / Cantando gestas do amor/ Que poetas lhes legavam.”. Cantigas de amigo, compostas pelas mulheres enquanto faziam a sua lida doméstica, “Em teares que teavam” ou “entre ovelhas no prado/ Que sozinhas pastoravam/ Cantavam com voz sentida/ Saudades que descantavam”. Essas mulheres de outrora “entretinham seus cismares/ [...] Com cantigas de amigo/ Que elas mesmas inventaram”. Isto é, a poesia feminina é herdeira de uma tradição que foi expropriada das mulheres, e Myriam Coeli recupera essa memória filiando-se a uma linhagem à qual pertencem as poetisas portuguesas Maria Teresa Horta, que publicou em 1972 *Minha senhora de mim*, livro apreendido pelo governo de Marcelo Caetano, e Natália Correia, que deixou inéditas várias cantigas de amigo. A poetisa norte-rio-grandense pertence a essa linhagem matricial de “neta[s] de D. Dinis” (CORREIA, 2000, p. 61), rei-poeta que nos legou várias cantigas de amigo.

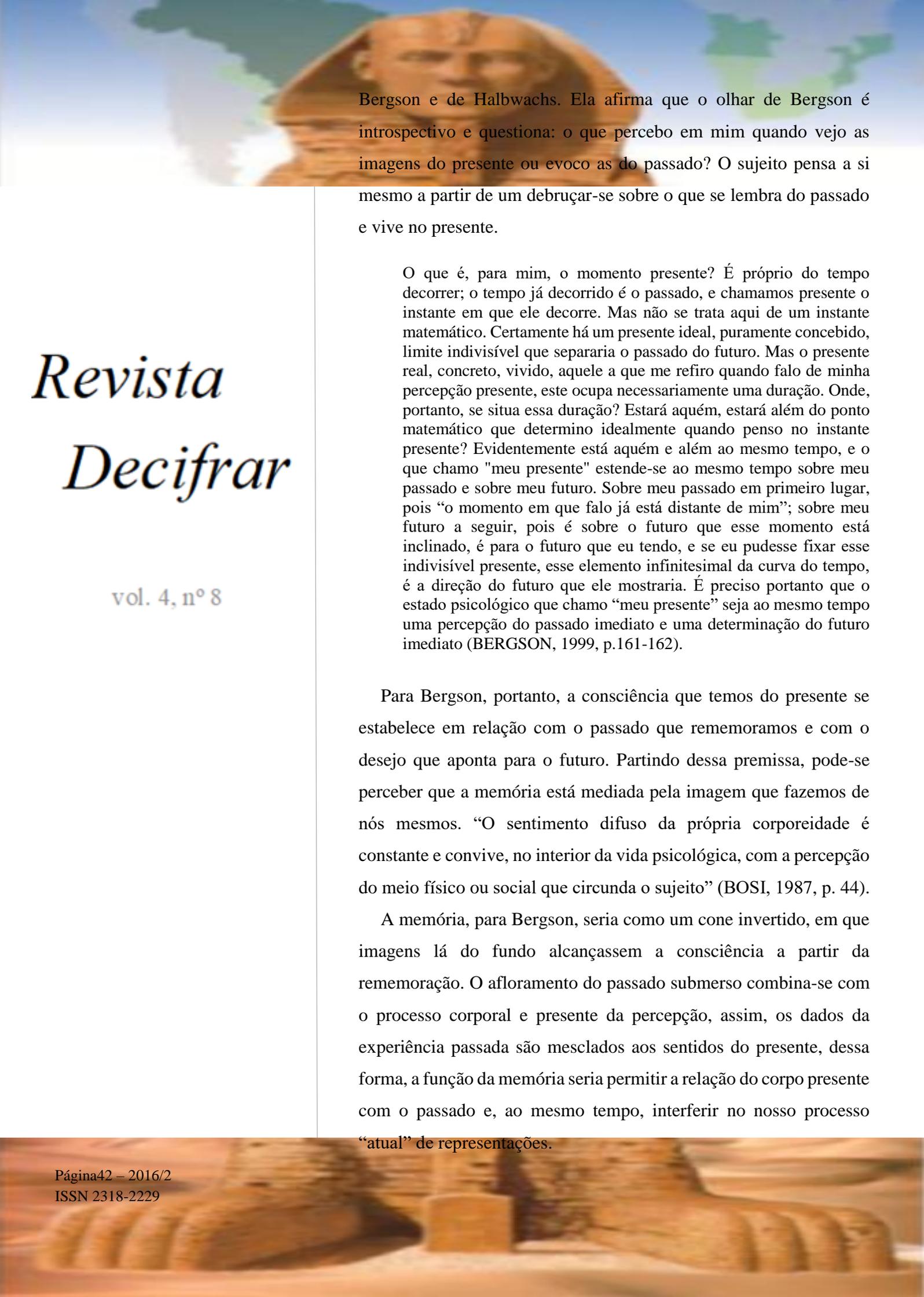
Em 1981, a poetisa concorreu ao Prêmio Othoniel Menezes com *Catarse*, mas o livro, infelizmente, permanece inédito. Postumamente, foi editado *Da boca do lixo à construção servil: o livro do povo* (1992).

Os poemas de Myriam Coeli, principalmente em *Inventário*, último livro publicado em vida, revelam afetos, memórias de desalento, dor e morte. Cada poema é dedicado a um familiar ou amigo, percebe-se a memória como elemento de reconstrução de si a partir da certeza da morte.

3. MEMÓRIA E CONSTITUIÇÃO DE SI

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1987, p. 17).

Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade* (1987) elabora um extenso estudo sobre a memória, em que se baseia nos conceitos de



Revista Decifrar

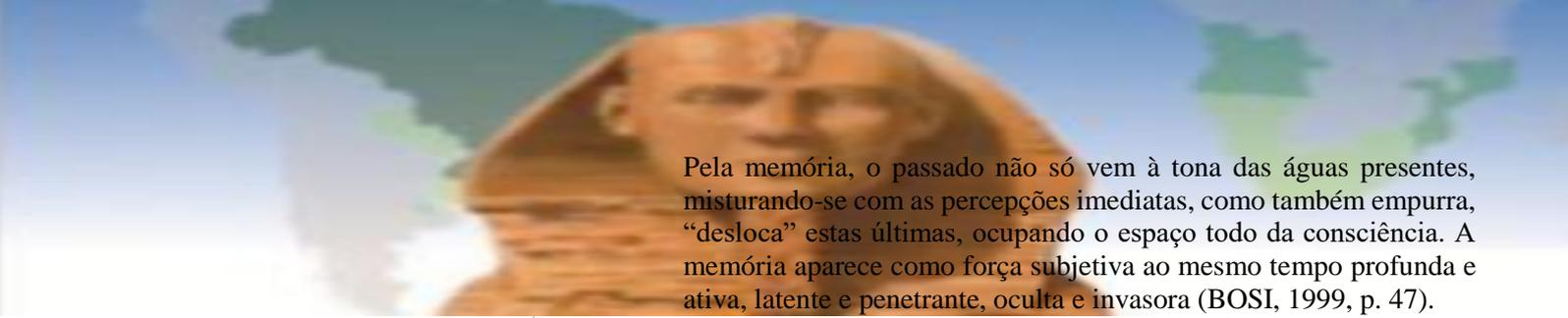
vol. 4, nº 8

Bergson e de Halbwachs. Ela afirma que o olhar de Bergson é introspectivo e questiona: o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? O sujeito pensa a si mesmo a partir de um debruçar-se sobre o que se lembra do passado e vive no presente.

O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. Onde, portanto, se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo "meu presente" estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois "o momento em que falo já está distante de mim"; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo, e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria. É preciso portanto que o estado psicológico que chamo "meu presente" seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato (BERGSON, 1999, p.161-162).

Para Bergson, portanto, a consciência que temos do presente se estabelece em relação com o passado que rememoramos e com o desejo que aponta para o futuro. Partindo dessa premissa, pode-se perceber que a memória está mediada pela imagem que fazemos de nós mesmos. "O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito" (BOSI, 1987, p. 44).

A memória, para Bergson, seria como um cone invertido, em que imagens lá do fundo alcançassem a consciência a partir da rememoração. O afloramento do passado submerso combina-se com o processo corporal e presente da percepção, assim, os dados da experiência passada são mesclados aos sentidos do presente, dessa forma, a função da memória seria permitir a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interferir no nosso processo "atual" de representações.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

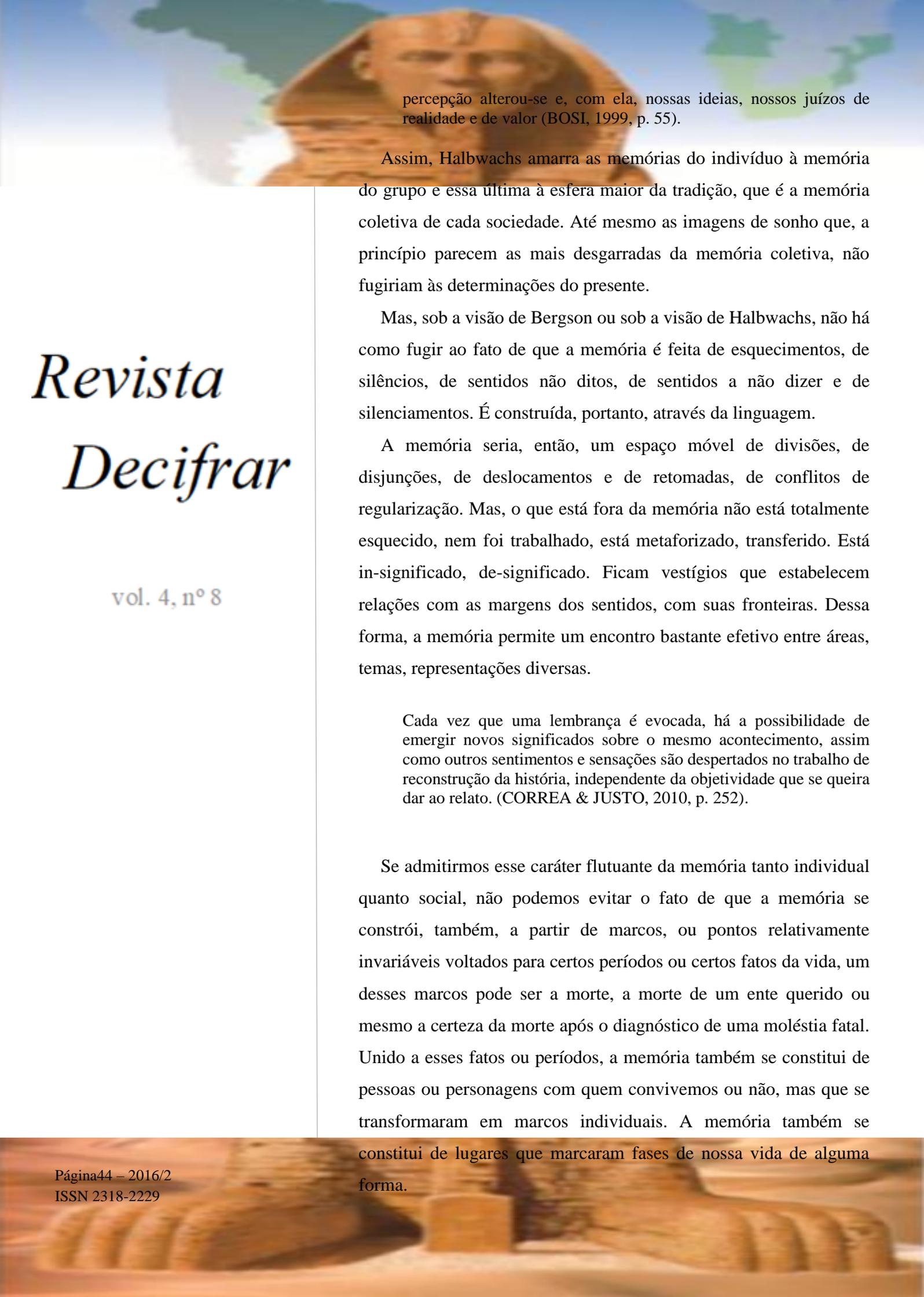
Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1999, p. 47).

Bergson, então, estabelece dois tipos de memória: a *memoria-hábito* e a *imagem-lembrança*. Na primeira, o passado conserva-se e atua no presente através de esquemas de comportamento que o corpo guarda e de que nós, sujeitos, nos valemos muitas vezes automaticamente na ação sobre as coisas. É uma memória dos mecanismos motores. Graças à memória-hábito sabemos “de cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras da etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o digitar, entre outros. A memória-hábito faz parte do nosso adestramento cultural.

A segunda memória, *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Não é vacância, mas evocativa. Sonho e poesia são, muitas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, no inconsciente.

Para Halbwachs, a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada um de nós e aflora à consciência na forma de imagens, lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios. Halbwachs percebe, no entanto, a função social da memória. Pois, a memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Nesse aspecto, Halbwachs vai além de Bergson, por perceber esse caráter social da memória. Se lembramos, é porque a situação presente nos faz lembrar.

Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa



percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1999, p. 55).

Assim, Halbwachs amarra as memórias do indivíduo à memória do grupo e essa última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Até mesmo as imagens de sonho que, a princípio parecem as mais desgarradas da memória coletiva, não fugiriam às determinações do presente.

Mas, sob a visão de Bergson ou sob a visão de Halbwachs, não há como fugir ao fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer e de silenciamentos. É construída, portanto, através da linguagem.

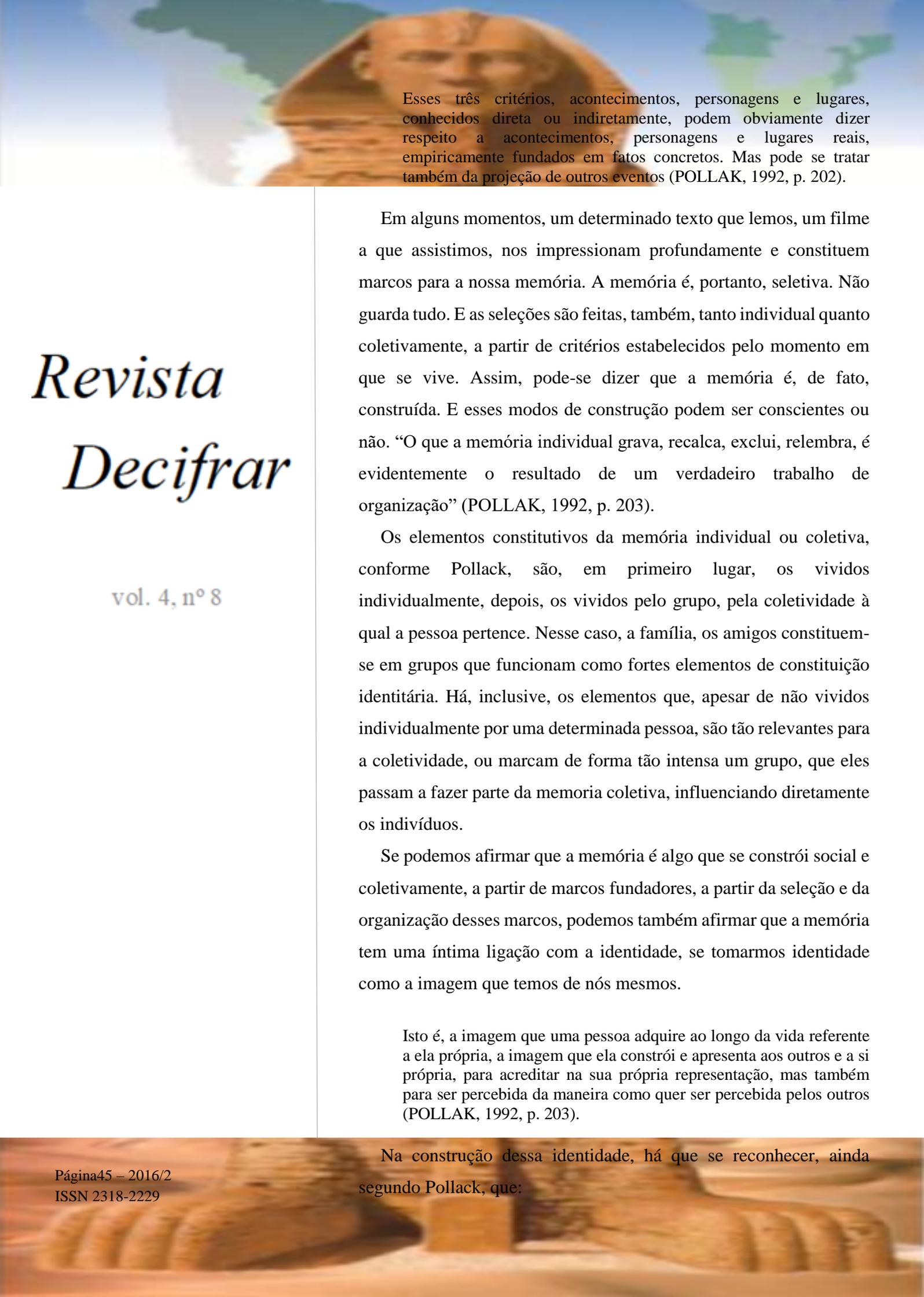
A memória seria, então, um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Mas, o que está fora da memória não está totalmente esquecido, nem foi trabalhado, está metaforizado, transferido. Está in-significado, de-significado. Ficam vestígios que estabelecem relações com as margens dos sentidos, com suas fronteiras. Dessa forma, a memória permite um encontro bastante efetivo entre áreas, temas, representações diversas.

Cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergir novos significados sobre o mesmo acontecimento, assim como outros sentimentos e sensações são despertados no trabalho de reconstrução da história, independente da objetividade que se queira dar ao relato. (CORREA & JUSTO, 2010, p. 252).

Se admitirmos esse caráter flutuante da memória tanto individual quanto social, não podemos evitar o fato de que a memória se constrói, também, a partir de marcos, ou pontos relativamente invariáveis voltados para certos períodos ou certos fatos da vida, um desses marcos pode ser a morte, a morte de um ente querido ou mesmo a certeza da morte após o diagnóstico de uma moléstia fatal. Unido a esses fatos ou períodos, a memória também se constitui de pessoas ou personagens com quem convivemos ou não, mas que se transformaram em marcos individuais. A memória também se constitui de lugares que marcaram fases de nossa vida de alguma forma.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p. 202).

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

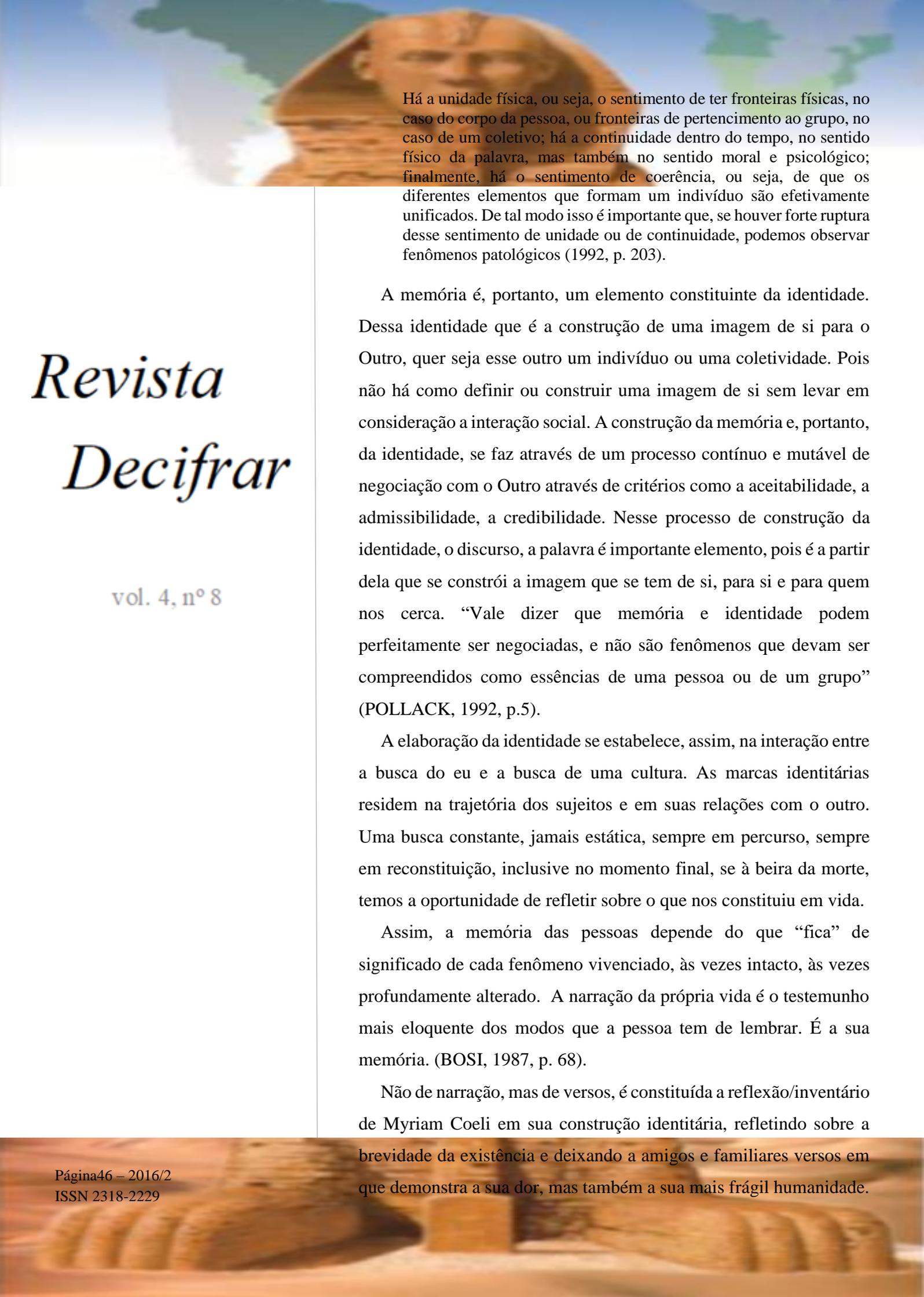
Em alguns momentos, um determinado texto que lemos, um filme a que assistimos, nos impressionam profundamente e constituem marcos para a nossa memória. A memória é, portanto, seletiva. Não guarda tudo. E as seleções são feitas, também, tanto individual quanto coletivamente, a partir de critérios estabelecidos pelo momento em que se vive. Assim, pode-se dizer que a memória é, de fato, construída. E esses modos de construção podem ser conscientes ou não. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 203).

Os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva, conforme Pollack, são, em primeiro lugar, os vividos individualmente, depois, os vividos pelo grupo, pela coletividade à qual a pessoa pertence. Nesse caso, a família, os amigos constituem-se em grupos que funcionam como fortes elementos de constituição identitária. Há, inclusive, os elementos que, apesar de não vividos individualmente por uma determinada pessoa, são tão relevantes para a coletividade, ou marcam de forma tão intensa um grupo, que eles passam a fazer parte da memória coletiva, influenciando diretamente os indivíduos.

Se podemos afirmar que a memória é algo que se constrói social e coletivamente, a partir de marcos fundadores, a partir da seleção e da organização desses marcos, podemos também afirmar que a memória tem uma íntima ligação com a identidade, se tomarmos identidade como a imagem que temos de nós mesmos.

Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 203).

Na construção dessa identidade, há que se reconhecer, ainda segundo Pollack, que:



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos (1992, p. 203).

A memória é, portanto, um elemento constituinte da identidade. Dessa identidade que é a construção de uma imagem de si para o Outro, quer seja esse outro um indivíduo ou uma coletividade. Pois não há como definir ou construir uma imagem de si sem levar em consideração a interação social. A construção da memória e, portanto, da identidade, se faz através de um processo contínuo e mutável de negociação com o Outro através de critérios como a aceitabilidade, a admissibilidade, a credibilidade. Nesse processo de construção da identidade, o discurso, a palavra é importante elemento, pois é a partir dela que se constrói a imagem que se tem de si, para si e para quem nos cerca. “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLACK, 1992, p.5).

A elaboração da identidade se estabelece, assim, na interação entre a busca do eu e a busca de uma cultura. As marcas identitárias residem na trajetória dos sujeitos e em suas relações com o outro. Uma busca constante, jamais estática, sempre em percurso, sempre em reconstituição, inclusive no momento final, se à beira da morte, temos a oportunidade de refletir sobre o que nos constituiu em vida.

Assim, a memória das pessoas depende do que “fica” de significado de cada fenômeno vivenciado, às vezes intacto, às vezes profundamente alterado. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória. (BOSI, 1987, p. 68).

Não de narração, mas de versos, é constituída a reflexão/inventário de Myriam Coeli em sua construção identitária, refletindo sobre a brevidade da existência e deixando a amigos e familiares versos em que demonstra a sua dor, mas também a sua mais frágil humanidade.



4. INVENTÁRIO – OS AFETOS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Revista Decifrar

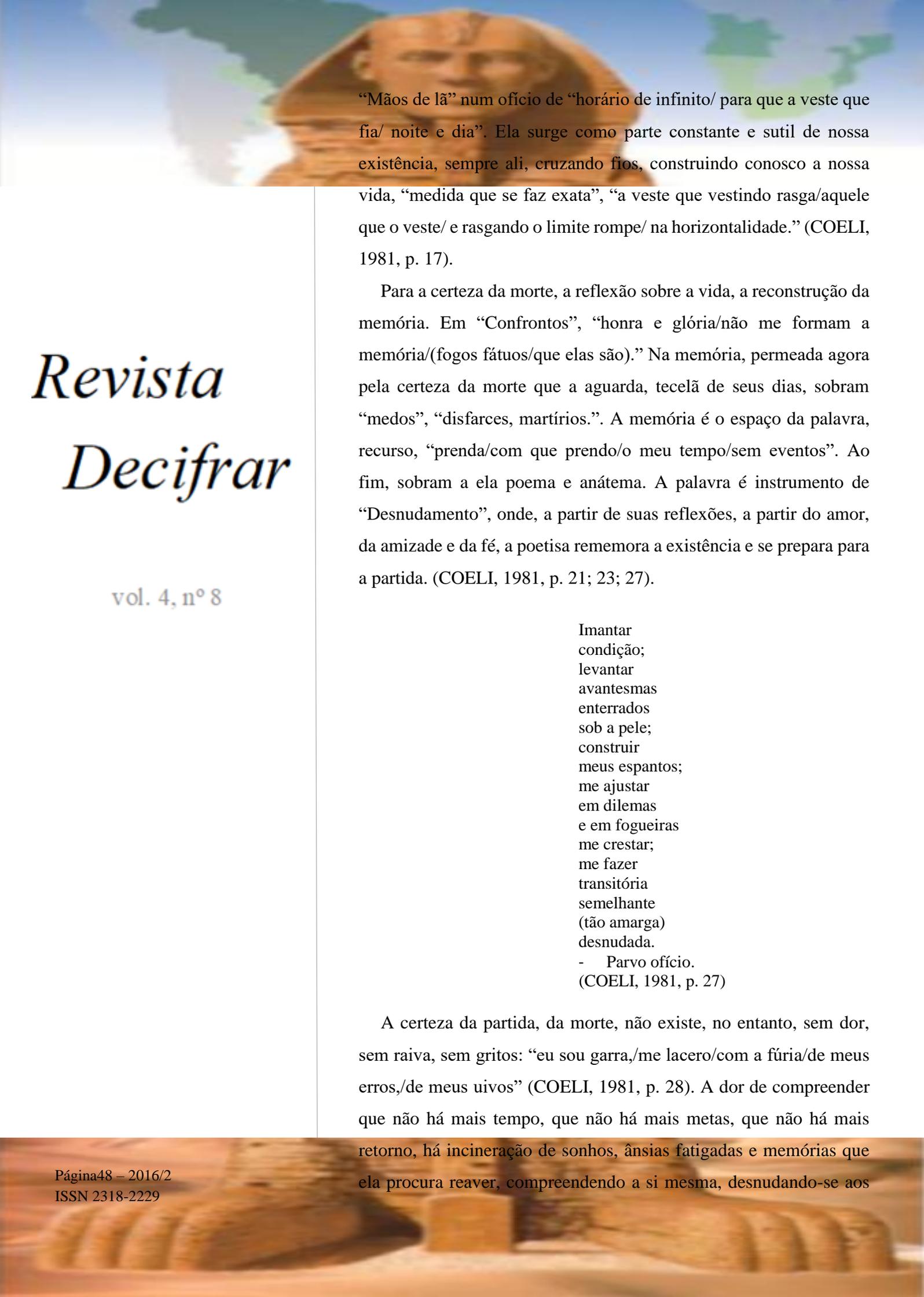
vol. 4, nº 8

Inventário (1981) é o último livro publicado por Myriam Coeli, ganhador do prêmio de poesia da Fundação José Augusto. Seu primeiro título teria sido “Álbum de família” segundo o poeta Luís Carlos Guimarães. Ambos os títulos fazem sentido para o conjunto de poemas que se desfiavam diante do leitor neste livrinho de poucas páginas (apenas 57) e repleto de reflexões sobre a vida, o amor, a morte, a escrita. O livro não tem dedicatória. É literalmente um “inventário”, aquilo que se arrola como bens de valor, a herança que se quer deixar para todos, especialmente para aqueles a quem são dedicados cada um dos poemas, sejam familiares (entre eles marido, filhos) sejam amigos.

Entre os temas presentes a morte é proeminente desde o primeiro poema, “Medida”: “Na geometria de um caixão/ não cabe espanto ou alarido/ nem o tempo com seus vestidos [...]”. A morte é “Mundo que se desmistifica/ no surdo baque de um caixão.”. O tema funciona como realidade concreta nas medidas pequenas que compreendem o caixão, mas é também, resgate da memória dos elementos que nos fazem vivos: sede, fome, fúria. A morte surge no poema como certeza e ruptura: “aves súbitas em cantos no abismo de sonhos.” (COELI, 1981, p. 9-10).

A presença concreta da morte, o corpo no caixão, é a reflexão em “Réquiem”, onde a poetisa reflete sobre a negação de ver o corpo do amigo morto, preferindo recordá-lo em vida a percebê-lo “sem os gestos largos/sem o disfarce álaçre/sem o riso, a voz/no seu alvo estático.” (COELI, 1981, p. 19). A morte, nesse caso, iria desconstruir a memória, romper o fluxo do movimento cuja lembrança, com vida, ela preferia manter.

A morte surge em outros poemas do livro, seja tema principal ou secundário, sempre retrato certo da brevidade da existência, seja súbita ou esperada. Em “A veste” a morte é apresentada com suas



Revista Decifrar

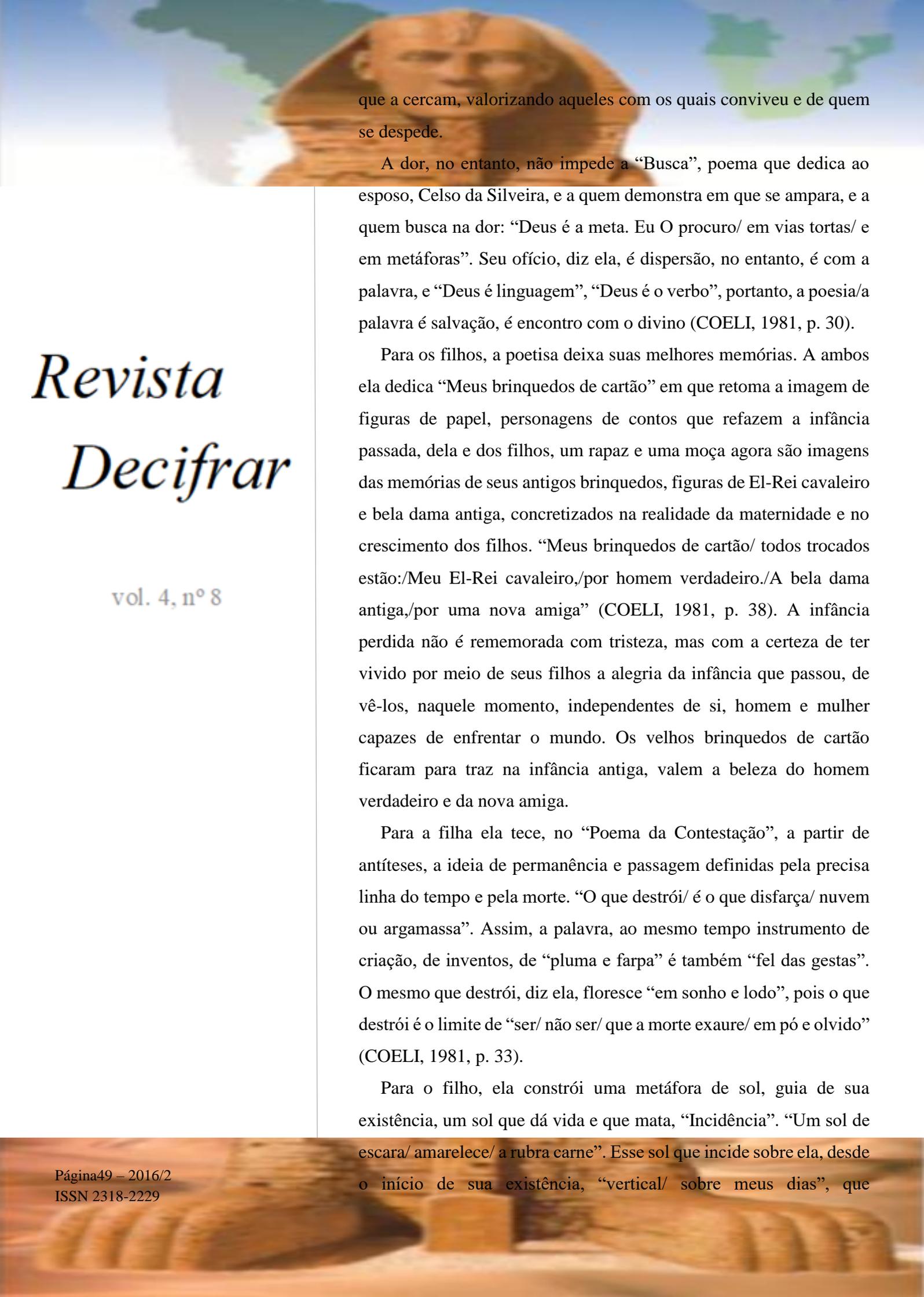
vol. 4, nº 8

“Mãos de lã” num ofício de “horário de infinito/ para que a veste que fia/ noite e dia”. Ela surge como parte constante e sutil de nossa existência, sempre ali, cruzando fios, construindo conosco a nossa vida, “medida que se faz exata”, “a veste que vestindo rasga/aquele que o veste/ e rasgando o limite rompe/ na horizontalidade.” (COELI, 1981, p. 17).

Para a certeza da morte, a reflexão sobre a vida, a reconstrução da memória. Em “Confrontos”, “honra e glória/não me formam a memória/(fogos fátuos/que elas são).” Na memória, permeada agora pela certeza da morte que a aguarda, tecelã de seus dias, sobram “medos”, “disfarces, martírios.”. A memória é o espaço da palavra, recurso, “prenda/com que prendo/o meu tempo/sem eventos”. Ao fim, sobram a ela poema e anátema. A palavra é instrumento de “Desnudamento”, onde, a partir de suas reflexões, a partir do amor, da amizade e da fé, a poetisa rememora a existência e se prepara para a partida. (COELI, 1981, p. 21; 23; 27).

Imantar
condição;
levantar
avantesmas
enterrados
sob a pele;
construir
meus espantos;
me ajustar
em dilemas
e em fogueiras
me crestar;
me fazer
transitória
semelhante
(tão amarga)
desnudada.
- Parvo ofício.
(COELI, 1981, p. 27)

A certeza da partida, da morte, não existe, no entanto, sem dor, sem raiva, sem gritos: “eu sou garra,/me lacero/com a fúria/de meus erros,/de meus uivos” (COELI, 1981, p. 28). A dor de compreender que não há mais tempo, que não há mais metas, que não há mais retorno, há incineração de sonhos, ânsias fatigadas e memórias que ela procura reaver, compreendendo a si mesma, desnudando-se aos



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

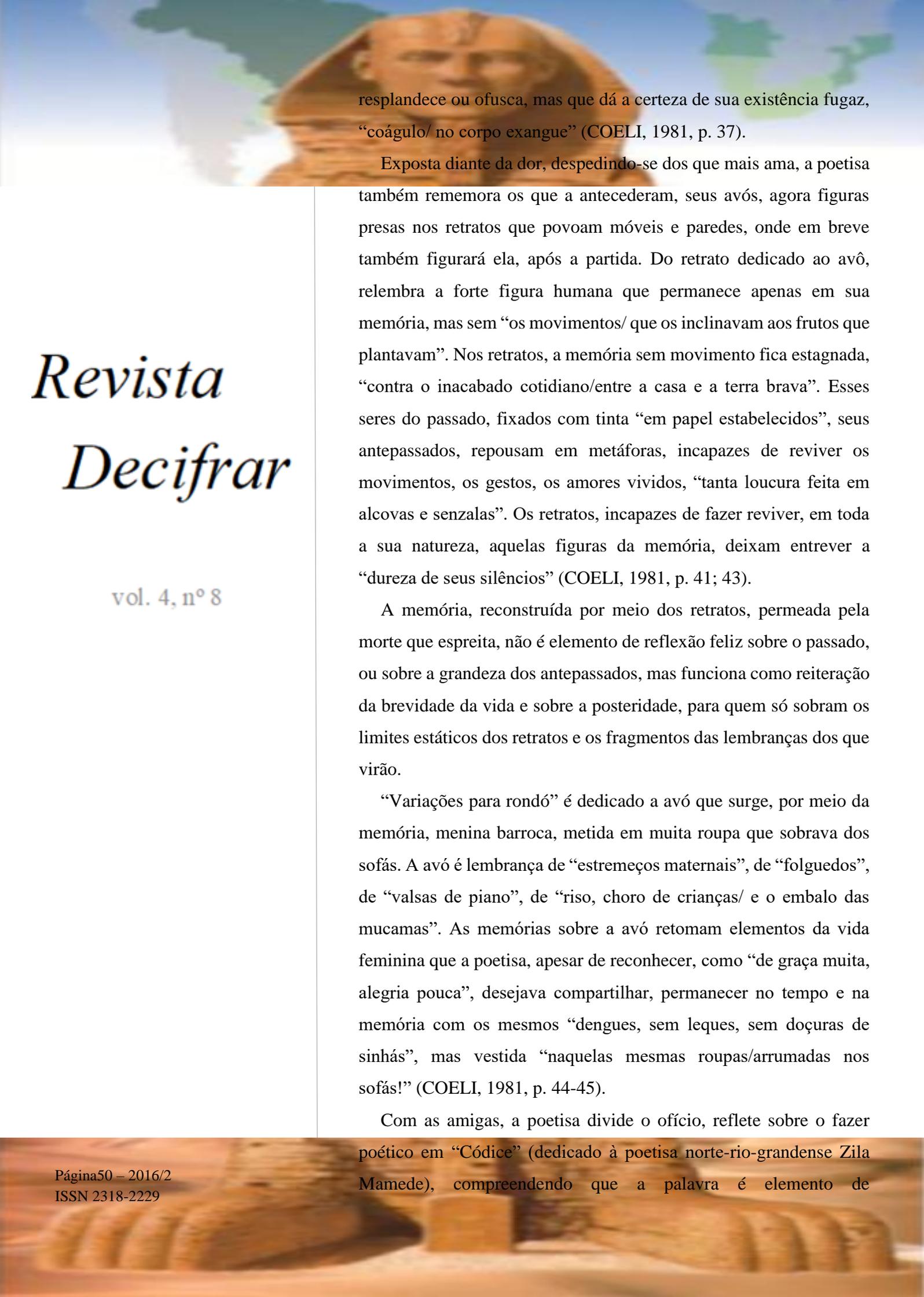
que a cercam, valorizando aqueles com os quais conviveu e de quem se despede.

A dor, no entanto, não impede a “Busca”, poema que dedica ao esposo, Celso da Silveira, e a quem demonstra em que se ampara, e a quem busca na dor: “Deus é a meta. Eu O procuro/ em vias tortas/ e em metáforas”. Seu ofício, diz ela, é dispersão, no entanto, é com a palavra, e “Deus é linguagem”, “Deus é o verbo”, portanto, a poesia/a palavra é salvação, é encontro com o divino (COELI, 1981, p. 30).

Para os filhos, a poetisa deixa suas melhores memórias. A ambos ela dedica “Meus brinquedos de cartão” em que retoma a imagem de figuras de papel, personagens de contos que refazem a infância passada, dela e dos filhos, um rapaz e uma moça agora são imagens das memórias de seus antigos brinquedos, figuras de El-Rei cavaleiro e bela dama antiga, concretizados na realidade da maternidade e no crescimento dos filhos. “Meus brinquedos de cartão/ todos trocados estão:/Meu El-Rei cavaleiro,/por homem verdadeiro./A bela dama antiga,/por uma nova amiga” (COELI, 1981, p. 38). A infância perdida não é rememorada com tristeza, mas com a certeza de ter vivido por meio de seus filhos a alegria da infância que passou, de vê-los, naquele momento, independentes de si, homem e mulher capazes de enfrentar o mundo. Os velhos brinquedos de cartão ficaram para traz na infância antiga, valem a beleza do homem verdadeiro e da nova amiga.

Para a filha ela tece, no “Poema da Contestação”, a partir de antíteses, a ideia de permanência e passagem definidas pela precisa linha do tempo e pela morte. “O que destrói/ é o que disfarça/ nuvem ou argamassa”. Assim, a palavra, ao mesmo tempo instrumento de criação, de inventos, de “pluma e farpa” é também “fel das gestas”. O mesmo que destrói, diz ela, floresce “em sonho e lodo”, pois o que destrói é o limite de “ser/ não ser/ que a morte exaure/ em pó e olvido” (COELI, 1981, p. 33).

Para o filho, ela constrói uma metáfora de sol, guia de sua existência, um sol que dá vida e que mata, “Incidência”. “Um sol de escara/ amarelece/ a rubra carne”. Esse sol que incide sobre ela, desde o início de sua existência, “vertical/ sobre meus dias”, que



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

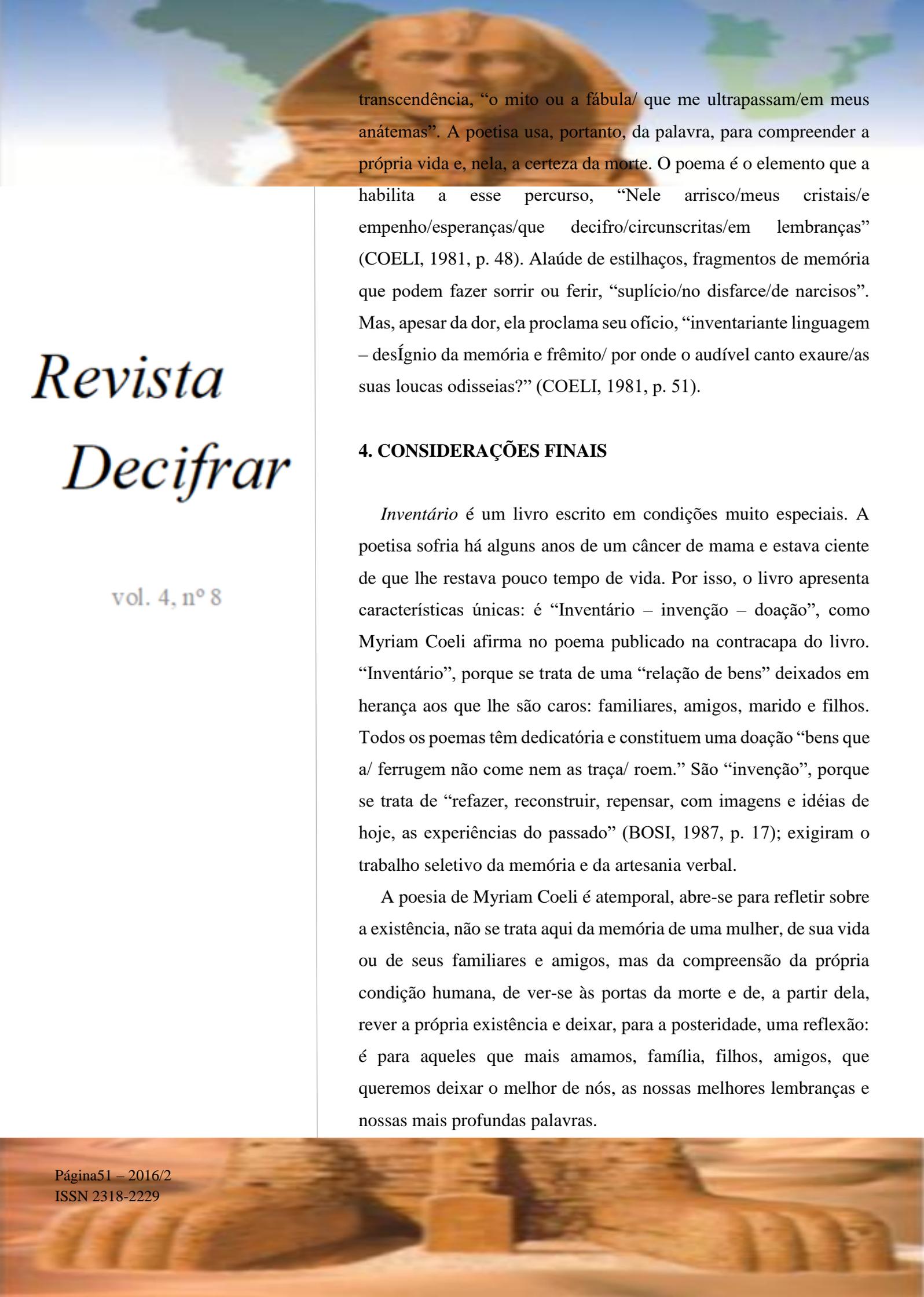
resplandece ou ofusca, mas que dá a certeza de sua existência fugaz, “coágulo/ no corpo exangue” (COELI, 1981, p. 37).

Exposta diante da dor, despedindo-se dos que mais ama, a poetisa também rememora os que a antecederam, seus avós, agora figuras presas nos retratos que povoam móveis e paredes, onde em breve também figurará ela, após a partida. Do retrato dedicado ao avô, relembra a forte figura humana que permanece apenas em sua memória, mas sem “os movimentos/ que os inclinavam aos frutos que plantavam”. Nos retratos, a memória sem movimento fica estagnada, “contra o inacabado cotidiano/entre a casa e a terra brava”. Esses seres do passado, fixados com tinta “em papel estabelecidos”, seus antepassados, repousam em metáforas, incapazes de reviver os movimentos, os gestos, os amores vividos, “tanta loucura feita em alcovas e senzalas”. Os retratos, incapazes de fazer reviver, em toda a sua natureza, aquelas figuras da memória, deixam entrever a “dureza de seus silêncios” (COELI, 1981, p. 41; 43).

A memória, reconstruída por meio dos retratos, permeada pela morte que espreita, não é elemento de reflexão feliz sobre o passado, ou sobre a grandeza dos antepassados, mas funciona como reiteração da brevidade da vida e sobre a posteridade, para quem só sobram os limites estáticos dos retratos e os fragmentos das lembranças dos que virão.

“Variações para rondó” é dedicado a avó que surge, por meio da memória, menina barroca, metida em muita roupa que sobrava dos sofás. A avó é lembrança de “estremeços maternos”, de “folgedos”, de “valsas de piano”, de “riso, choro de crianças/ e o embalo das mucamas”. As memórias sobre a avó retomam elementos da vida feminina que a poetisa, apesar de reconhecer, como “de graça muita, alegria pouca”, desejava compartilhar, permanecer no tempo e na memória com os mesmos “dengues, sem leques, sem doçuras de sinhás”, mas vestida “naquelas mesmas roupas/arrumadas nos sofás!” (COELI, 1981, p. 44-45).

Com as amigas, a poetisa divide o ofício, reflete sobre o fazer poético em “Códice” (dedicado à poetisa norte-rio-grandense Zila Mamede), compreendendo que a palavra é elemento de



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

transcendência, “o mito ou a fábula/ que me ultrapassam/em meus anátemas”. A poetisa usa, portanto, da palavra, para compreender a própria vida e, nela, a certeza da morte. O poema é o elemento que a habilita a esse percurso, “Nele arrisco/meus cristais/e empenho/esperanças/que decifro/circunscritas/em lembranças” (COELI, 1981, p. 48). Alaúde de estilhaços, fragmentos de memória que podem fazer sorrir ou ferir, “suplício/no disfarce/de narcisos”. Mas, apesar da dor, ela proclama seu ofício, “inventariante linguagem – desÍgnio da memória e frêmito/ por onde o audível canto exaure/as suas loucas odisseias?” (COELI, 1981, p. 51).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inventário é um livro escrito em condições muito especiais. A poetisa sofria há alguns anos de um câncer de mama e estava ciente de que lhe restava pouco tempo de vida. Por isso, o livro apresenta características únicas: é “Inventário – invenção – doação”, como Myriam Coeli afirma no poema publicado na contracapa do livro. “Inventário”, porque se trata de uma “relação de bens” deixados em herança aos que lhe são caros: familiares, amigos, marido e filhos. Todos os poemas têm dedicatória e constituem uma doação “bens que a/ ferrugem não come nem as traça/ roem.” São “invenção”, porque se trata de “refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1987, p. 17); exigiram o trabalho seletivo da memória e da artesanaria verbal.

A poesia de Myriam Coeli é atemporal, abre-se para refletir sobre a existência, não se trata aqui da memória de uma mulher, de sua vida ou de seus familiares e amigos, mas da compreensão da própria condição humana, de ver-se às portas da morte e de, a partir dela, rever a própria existência e deixar, para a posteridade, uma reflexão: é para aqueles que mais amamos, família, filhos, amigos, que queremos deixar o melhor de nós, as nossas melhores lembranças e nossas mais profundas palavras.

5. REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

COELI, Myriam. SILVEIRA, Celso. **Imagem virtual**. Natal: Imprensa Oficial, 1961. Coleção Jorge Fernandes.

COELI, Myriam. **Vivência sobre vivência**. Natal: Editora Universitária, 1980.

_____. **Cantigas de amigo**. Natal: Editora Clima, 1981.

_____. **Inventário**. Rio de Janeiro: Achiamé/FJA, 1981.

CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 249-256, Dez. 2010.

CORREIA, Natália. **Poesia completa**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1950/1990.

MACHADO, Inês Kaúla S. **Myriam Coeli**: um testemunho de fé. Natal: Boágua, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. www.cpdoc.fgv.br/revista. Acesso em: 01 Nov. 2007.

SILVA, Amélia Cristina Reis e Silva. **A prática docente de Myriam Coeli na década de 1960**. Dissertação de Mestrado defendida na UFRN em 2005.

SILVEIRA, Celso da (Org.). **Ave, Myriam**. Natal: Ed. Universitária/Clima, 1984.

WANDERLEY, Rômulo. **Panorama da poesia norte-riograndense**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8